

Teologia Bíblica da Contextualização

Ronaldo Lidório

Neste capítulo tenciono abordar a contextualização sob uma perspectiva teológica, seus objetivos e limitações, sua relevância e perigos. Defenderei a conciliação entre a Teologia e a Missiologia, a relevância da Antropologia Missionária e por fim apresentarei alguns critérios bíblicos para a contextualização.

Quando Hesselgrave afirma que contextualizar é tentar comunicar a mensagem, trabalho, Palavra e desejo de Deus de forma fiel à Sua Revelação e de maneira significativa e aplicável nos distintos contextos, sejam culturais ou existenciais, ele expõe um desafio à Igreja de Cristo: comunicar o Evangelho de forma teologicamente fiel e ao mesmo tempo humanamente inteligível e relevante. E este talvez seja o maior desafio de estudo e compreensão quando tratamos da teologia da contextualização. Historicamente, a ausência de uma teologia bíblica de contextualização tem gerado duas conseqüências desastrosas no movimento missionário mundial: o sincretismo religioso e o nominalismo evangélico.

Antes, porém, gostaria de expor introdutoriamente sobre a relevância da contextualização na apresentação do Evangelho com base em Mateus 24:14. Ali Jesus se reunia com seus discípulos, pouco antes de ser elevado aos céus, e responde a estes sobre os sinais que antecederão a sua vinda. Após dissertar sobre evidências mais cosmológicas (guerras e rumores de guerras) e eclesiológicas (perseguição e falsos profetas) Jesus lança uma evidência puramente missiológica dizendo que “será pregado o Evangelho do Reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então virá o fim”.

A expressão grega para “e será pregado”¹ tem como raiz kerygma, uma proclamação audível e inteligível do Evangelho paralelamente à martyria² que evoca um sentido mais pessoal, de testemunho de vida. Esta ação kerygmática aponta para o fato de que o Evangelho será pregado de forma compreensível. O “mundo” aqui exposto no texto é a tradução de oikoumene que significa “mundo habitado”. A idéia textual, portanto, não é geográfica, territorial, mas sim demográfica, onde há pessoas, mostrando que este Evangelho do Reino será pregado kerygmaticamente, inteligivelmente, em todo o mundo habitado. A forma de isso acontecer, segundo o texto, é através do testemunho a todas as nações. A raiz para “testemunho” aqui é martyria que nos ensina que esta ação proclamadora, kerygmática, do Evangelho acontecerá através de uma Igreja mártirica, que tenha o caráter de Cristo. Ou seja, apenas os salvos

¹ “kerychetsetai”: e será proclamado de forma inteligível.

² “martyria” (testemunho) indica uma ação informal de vida enquanto “kerygma”(proclamação) pressupõe uma pregação mais sistemático do Evangelho.

pregarão este Evangelho do Reino. Finaliza a frase dizendo que o testemunho chegará a todas as nações, onde traduzimos o termo *ethnesin*, de *ethnia*, para nações, ou seja, grupos lingüística e culturalmente definidos. Poderíamos parafrasear o verso 14 dizendo que “o Evangelho do Reino será proclamado de forma inteligível e compreensível por todo o mundo habitado, através do testemunho martírico, de vida, da Igreja, a todas as etnias definidas”. A frase final nos diz que “então virá o fim” e “fim” aqui (*telos*) aponta para a volta do Senhor Jesus, ligada comumente à sua *parousia*, seu retorno.

Gostaria de chamar sua atenção para o princípio bíblico da comunicação. Jesus nos ensina diversas vezes que a transmissão do conhecimento do Evangelho não será uma ação realizada sem a participação comunicativa da igreja. Esta participação envolve duas ações principais: a vida e testemunho da Igreja, bem como a atitude de proclamar, expor, o Evangelho de Cristo. Esta comunicação do Evangelho, portanto, em uma perspectiva transcultural, necessita de um trabalho de “tradução” em duas áreas específicas: a língua e a cultura. As línguas dispõem de códigos diferentes para viabilizar a comunicação e o mesmo ocorre com a cultura. Quando se expõe a um Inuit, ou esquimó, que o sangue de Jesus nos torna branco como a neve, ele rapidamente nos perguntaria qual categoria de branco, já que em sua visão culturalizada de quem convive com a neve e o gelo por milênios, há treze diferentes tipos de “branco”. Ignorar tal extrato cultural culminará em uma pregação rasa ou distorcida da Palavra de Deus.

Alguns princípios textuais podem nos ajudar nesta introdução, pensando em Mateus 24:14. Percebemos que a transmissão de uma mensagem inteligível em sua própria língua e contexto, portanto contextualizada, é pressuposto para o cumprimento da grande comissão, já que a nós cabe não somente viver Jesus, mas também proclamá-LO de forma compreensível. Apenas a Igreja, redimida, cumprirá esta tarefa, ou seja, não é o Cristianismo que evangelizará o mundo mas sim a Igreja redimida, que passou pelo novo nascimento.

Tendo em mente estes conceitos permitam-me mencionar alguns pressupostos que utilizo ao escrever este capítulo.

1. A Palavra é supracultural e a-temporal, portanto viável e comunicável para todos os homens, em todas as culturas, em todas as gerações. Cremos, assim, que a Palavra define o homem e não o contrário.
2. Contextualizar o Evangelho não é reescrevê-lo ou moldá-lo à luz da Antropologia, mas sim traduzi-lo lingüística e culturalmente para um cenário distinto a fim de que todo homem compreenda o Cristo histórico e bíblico.
3. Apresentar Cristo é a finalidade maior da contextualização. A Igreja deve evitar que Jesus Cristo seja apresentado apenas como uma resposta para as perguntas que os missionários fazem – uma solução

apenas para um segmento, ou uma mensagem alienígena para o povo alvo.

O conceito da contextualização evoca toda sorte de sentimentos e argumentações. Por um lado encontramos a defesa de sua relevância, com base na culturalidade e princípios gerais da comunicação. Crê-se, de forma geral, que sem contextualização não há verdadeira comunicação e aqueles que assim entendem procuram estudar as diversas possíveis abordagens nesta comunicação contextualizada. Por outro lado encontramos a exposição de seus perigos quando esta contextualização se divorcia de uma teologia bíblica essencial que a norteie e avalie. Isto é especialmente verdade tendo em mente que o próprio termo “contextualização” foi abundantemente utilizado no passado por Kraft a partir do relativismo de Kierkegaard com fundamentação em uma teologia liberal que não cria na Palavra de Deus de forma dogmática, mas sim adaptada. Creêm que a Palavra de Deus se aplica apenas a contextos similares de sua revelação, não sendo assim supracultural e nem a-temporal. Nossa proposta é entendermos que a contextualização não é apenas possível com uma fundamentação bíblica que a conduza, mas necessária para a fidelidade na transmissão dos conceitos bíblicos.

É preciso avaliarmos nossos pressupostos teológicos a fim de guiarmos nossa ação missionária. Martinho Lutero, crendo na integralidade da verdade Bíblica, expôs um Evangelho que fosse comunicável, na língua do povo, com seus símbolos culturais definidos, porém um Evangelho escriturístico e sem diluição da verdade. Sem receio, por diversas vezes ensinou Melancton dizendo: “prega de forma que odeiem o pecado ou odeiem a você”. Se por um lado defendeu uma contextualização eclesiológica traduzindo a Bíblia para a língua do povo, tendo cultos com a participação dos leigos, pregando a Palavra dentro do contexto da época, por outro deixou claro que o conteúdo da Palavra não deve ser limitado pelo receio do confronto cultural. Se sua sensibilidade cultural fosse definidora de sua teologia, e não o contrário, teríamos tido uma Reforma humanista e não da Igreja. Teria sido o início de um movimento de libertação apenas do pensamento e da expressão, um grito por justiça social que não inclui Deus e nem a salvação, ou um apelo pelo resgate da identidade cultural, mas não a condução do povo ao Reino de Deus.

Os mais evidentes perigos de pressupostos de Contextualização

Antes de seguirmos adiante gostaria de expor três perigos fundamentais quando tratamos da contextualização dentro do universo missionário.

O primeiro perigo, que é político, tem sua origem na natural tendência humana de impor a outros povos sua forma adquirida de pensar e interpretar, prática esta realizada em grande escala pelos movimentos imperialistas do passado e do presente, bem como por forças missionárias que entenderam o

significado do Evangelho apenas dentro de sua própria cosmovisão, cultura e língua. Desta forma as torres altas dos templos, a cor da toalha da ceia, a altura certa do púlpito e as expressões faciais de reverência tornam-se muito mais do que peculiaridades de um povo e de uma época. Misturam-se com o essencial do Evangelho na transmissão de uma mensagem que não se propõe a resgatar o coração do homem mas sim moldá-lo à uma teia de elementos impostos e culturalmente definidos apenas para o comunicador da mensagem, apesar de totalmente divorciados de significado para aqueles que a recebem.

As conseqüências de uma exposição política do Evangelho tem sido várias, porém mais comumente encontraremos o nominalismo, em um primeiro momento e, por fim, o sincretismo quase irreversível. David Bosch afirma que o valor do Evangelho, em razão de proclamá-lo, está totalmente associado à compreensão cultural do povo receptor. O contrário seria apenas um emaranhado de palavras que não produziriam qualquer sentido sócio-cultural. George Hunsburger observa também que não há como pregarmos um Evangelho a-cultural, pois o alvo de Cristo ao se revelar na Palavra foi atingir pessoas vestidas com sua identidade humana. A perigosa apresentação política do Evangelho a que nos referimos, portanto, confunde o Evangelho com a roupagem cultural daquele que o expõe, deixando de apresentar Cristo e propondo apenas uma religiosidade vazia e sem significado para o povo que a recebe.

Um segundo perigo, que é pragmático, pode ser visto quando assumimos uma abordagem puramente prática na contextualização. Como a contextualização é um assunto freqüentemente associado à metodologia e processo de campo, somos levados a entendê-la e avaliá-la baseados mais nos resultados do que em seus fundamentos teológicos. Conseqüentemente, o que é bíblico e teologicamente evidente se torna menos importante do que aquilo que é funcional e pragmaticamente efetivo. Estou convencido de que todas as decisões missiológicas devem estar enraizadas em uma boa fundamentação bíblico-teológica se desejamos ser coerentes com a expressão do mandamento de Deus (At 2:42-47). Entre as iniciativas missionárias mais contextualizadas com o povo receptor, encontramos um número expressivo de movimentos heréticos como a Igreja do Espírito Santo em Gana, África, na qual seu fundador se autoproclama a encarnação do Espírito Santo de Deus. Do ponto de vista puramente pragmático, porém, é uma igreja que contextualiza sua mensagem sendo sensível às nuances de uma cultura matriarcal, tradicional, encarnacionista e mística. Devemos ser lembrados que nem tudo o que é funcional é bíblico. O pragmatismo leva-nos a valorizar mais a metodologia da contextualização do que o conteúdo a ser contextualizado. A apresentação pragmática do Evangelho, portanto, privilegia apenas a comunicação com seus devidos resultados e esquece de ater-se ao conteúdo da mensagem comunicada.

Um terceiro perigo, que é sociológico, é aceitar a contextualização como sendo nada mais do que uma cadeia de soluções para as necessidades humanas, em uma abordagem puramente humanista. Esta deve ser nossa crescente preocupação por vivermos em um contexto pós-cristão, pós-moderno e hedônico. Isto ocorre quando missionários tomam decisões baseadas puramente na avaliação e interpretação sociológica das necessidades humanas e não nas instruções das Escrituras. Neste caso os assuntos culturais, ao invés das Escrituras, determinam e flexibilizam a teologia a ser aplicada a certo grupo ou segmento. O desejo por justiça social não deve nos levar a esquecermos da apresentação do Evangelho. Vicedon afirma que somente um profundo conhecimento bíblico da natureza da Igreja (Ef. 1:23) irá capacitar missionários a terem atitudes enraizadas na *Missio Dei* e não apenas na demanda da sociedade. A defesa de um Evangelho integral e desejo de transmitir uma mensagem contextualizada não devem ser pontes para o esquecimento dos fundamentos da teologia bíblica.

Teologia e Contextualização

O presente embate mundial entre teologia e contextualização é possivelmente um reflexo do divórcio no ensino entre missiologia e teologia. Para alguns a missiologia é vista como simplista teologicamente, e conseqüentemente varrida para fora dos centros acadêmicos e de preparo teológico em diversas partes do mundo, ou mesmo tratada como de menor valor.

Este terrível engano freqüentemente produz pastores sem sonhos, missionários despreparados e teólogos cujo conhecimento poderia ser grandemente usado para as necessidades diárias de uma Igreja que está com as mãos no arado, mas por vezes não sabe para onde seguir.

Missiologia e Teologia não devem ser tratadas como áreas separadas de estudo, mas sim como disciplinas complementares. A Teologia coopera com a Igreja ao fazê-la entender o sentido da Missão e a base para a contextualização do Evangelho. A Missiologia, por sua vez, dirige teólogos para o plano redentivo de Deus e os ajuda a ler as Escrituras sob o pressuposto de que há um propósito para a existência da Igreja.

Na ausência de um estudo teologicamente sadio sobre a contextualização bíblica, vários segmentos da Igreja ao longo da história foram influenciados pelo liberalismo teológico que encontrou na contextualização uma fácil apresentação de seus valores.

Soren Kierkegaard, com seu relativismo pragmático, propôs o entendimento da verdade a partir da interpretação individual, sem conceitos absolutos e dogmáticos. Willian James em 1907 lançou a base para o “movimento de contextualização filosófica e teológica” defendendo a

atualização teológica a partir da necessidade sócio-cultural ou lingüística. Na mesma linha Rudolf Bultmann defendeu a contextualização filosófica do Evangelho mitificando tudo aquilo que não fosse relevante ao homem moderno em seu próprio contexto. Estes e outros pensadores influenciaram a base conceitual da contextualização desenvolvendo uma nova proposta: não há verdade dogmática, supracultural e cosmicamente aplicável. A verdade é individual e como tal deve ser compreendida e aplicada de acordo com o molde receptor.

Esta influência dicotomizou o mundo evangélico por décadas e ainda hoje tem seus efeitos enraizados na base conceitual da contextualização, levando alguns segmentos a definir a apresentação do Evangelho apenas a partir do que é aceitável culturalmente. Em uma breve discussão com uma equipe inglesa que atuava entre os Bassaris do Togo, fui apresentado à sua estratégia missionária: ensinar Jesus como aquele que comprou nossa salvação, porém sem sacrifício pessoal, já que o sacrifício pessoal é visto pelos Bassaris como sinal de fraqueza. Esta simples escolha é resultado de uma teologia sociologizada e representação desta tendência pragmatizada que molda a Palavra em prol de uma comunicação mais aceitável comunitariamente.

De forma mais institucional esta vertente foi bem demonstrada na Assembléia Geral do Concílio Mundial das Igrejas, em Upsala, em 1968. Ali, a ênfase na humanização da Igreja permitiu o desenvolvimento do estudo da contextualização mais a partir da Antropologia do que da Teologia. A conferência sobre o “Diálogo com Povos de Religiões e Ideologias Vivas”, em 1977 em Chiang Mai, Tailândia, reforçou também o universalismo e a contextualização como forma de relativização de valores.

O contrapeso teológico deste assunto floresceu de forma mais ampla apenas em 1974 com Lausanne onde, apesar de reconhecer as diferenças culturais, lingüísticas e interpretativas nas diversas raças da terra, afirmou-se que a Palavra era o único mecanismo gerador da verdade a ser anunciada. Sobre evangelização e cultura, o Pacto de Lausanne declara que “afirmamos que a cultura de um povo em parte é boa e em outra parte é má, devido à queda. Por isto deve sempre ser julgada e provada pelas Escrituras, para que possa ser redimida e transformada para a glória de Deus. Diante disto a evangelização mundial requer o desenvolvimento de estratégias e metodologias novas e criativas (Mc 7:8,9,13; Rm 2:9-11; 2Co 4:5)”.

Permitam-me chamar sua atenção para uma inquietante e acertada interpretação de Bruce Nicholls sobre o perigo do sincretismo e nominalismo como consequência de uma contextualização existencial sem fundamentação teológica. Ele diz que o sincretismo religioso é uma síntese entre a fé cristã e outras religiões, a mensagem bíblica é progressivamente substituída por pressuposições e dogmas não-cristãos, e as expressões cristãs da vida religiosa de adoração, do testemunho e da ética, conformam-se cada vez mais àquelas

da parte não-cristã no diálogo. No fim, a missão cristã é reduzida a uma assim-chamada “presença cristã”, e na melhor das hipóteses, a uma preocupação social humanista. O sincretismo resulta na morte lenta da igreja e no fim da evangelização .

Vicedom nos apresenta um manto de cuidados teológicos para o processo da contextualização. Lembra-nos que, se cremos que Deus é o autor da Palavra e o Criador que conhece e ama sua criação, portanto devemos crer que o Evangelho é dirigido a todo homem. A minimização da mensagem perante assuntos desconfortáveis como poligamia, por exemplo, não coopera para a inserção do homem, em sua cultura, no Reino de Deus. Ao contrário, propõe um Evangelho partido ao meio, enfraquecido, que irá cooperar com a formação de um grupo sincrético e disposto a tratar o restante da Escritura com os mesmos princípios de parcialidade. Hibbert nos alerta de que, no afã de parecermos simpáticos ao mundo (como a Igreja em Atos 2), esquecemos que a mensagem bíblica confrontará as culturas, mostrará o pecado e clamará por transformação através do Cordeiro.

Hesselgrave também previne sobre o perigo de dicotomizarmos a mensagem crendo na Palavra de forma integral para nós, mas apresentando-a parcialmente a outros. Ele nos ensina que o Evangelho é libertador mesmo nas nuances culturais mais desfavoráveis.

O liberalismo teológico de Kierkegaard, Bultmann e James, portanto, ameaça a compreensão bíblica da contextualização, uma vez que leva-nos a crer na apresentação de um Evangelho que não muda (pois toda mudança cultural seria negativa), não confronta (pois a verdade é individual e não dogmática) e não liberta (pois a liberdade proposta é apenas social).

Se cremos que Deus é o autor da Palavra, que o Evangelho “é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê” (Rm 1:16), e que “a justiça de Deus se revela no Evangelho” (v.17), passaremos a nos preocupar com a melhor forma de comunicar esta Verdade, de maneira inteligível e aplicável, sabendo que, promovendo confrontos e mudanças, é a Verdade de Deus que liberta todo aquele que crê.

Pressupostos bíblicos para a contextualização

Escrevendo aos Romanos (1:18-27) o apóstolo Paulo nos introduz ao conceito da contextualização em oposição à inculturação trazendo à tona verdades cruciais para a proclamação do Evangelho dentro de um pressuposto escriturístico e revelacional.

No versículo 18, Paulo nos apresenta a um Deus irado com a postura humana e que se manifesta contra toda a “ímpiedade” (quando o homem rompe seu relacionamento com Deus e os Seus valores divinos) e “perversidade” (quando o homem rompe seu relacionamento com o próximo

e seus valores humanos). Expõe um homem corrompido pela injustiça e criador da sua própria verdade.

Nos versículos 19 e 20, Deus se manifesta através da criação e há aqui um elemento universal: um Deus soberano, criador, controlador do universo e detentor da autoridade sobre a criação. Os homens citados no verso 18 tornam-se indesculpáveis por ser Deus revelado na criação “desde o princípio do mundo”, sendo revelado tanto o “seu eterno poder”, quanto “a sua própria divindade”. Portanto, perante um homem caído, existente em sua própria injustiça, impiedoso e perverso, Paulo não destaca soluções humanas, eclesiásticas ou mesmo sociais. Ele nos apresenta a Deus. Na teologia paulina a solução para o homem não é o homem, mas é Deus e Sua revelação.

Nos versos 21 a 23, o homem tenta manipular Deus e Sua verdade pois apesar deste conhecimento natural, pela criação, “não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças”. Fizeram altares e criaram seus deuses segundo seus corações, ânsias e desejos. Deuses manipuláveis, comandados, um reflexo da vontade humana caída. Assim, tais homens se “tornaram nulos em seus próprios raciocínios” mudando “a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, bem como de aves, quadrúpedes e répteis”.

O homem, portanto, não é condenado por não conhecer a história bíblica. Ele é condenado por não glorificar a Deus. Os homens não são condenados por não ouvirem a Palavra, são condenados pelo pecado.

Nos versos 24 a 27, tais homens, em seu mundo recriado com as cores do pecado e injustiça “mudaram a verdade de Deus em mentira, adorando e servindo a criatura em lugar do Criador”. A resposta de Deus foi o juízo e o texto nos diz que Ele entregou os homens “à imundícia” como também às “paixões infames”.

Há alguns elementos bíblicos neste precioso texto que nos ajudam a pensar em alguns princípios de contextualização.

1. Há uma verdade universal e supracultural: Deus é soberano e dono de toda glória. Esta verdade fundamenta a proclamação do Evangelho.
2. O pecado intencional (perversidade e impiedade) nos separa de Deus. Não há como apresentar Deus buscando se relacionar com o homem sem expor o pecado humano e seu estado de total carência de salvação.
3. Somos seres culturalmente construtores de ídolos. É comum ao homem caído gerar uma idéia de deus que satisfaça aos seus anseios sem confrontá-lo com o pecado. Esta atitude é encontrada em toda a história humana e não colabora para o encontro do homem com a verdade de Deus.

4. A mensagem pregada por Paulo é contextualizada expondo Deus em relação à realidade da vida e queda humana. Porém não é inculturada, pregando um Deus aceitável, mas sim um Deus verdadeiro. Se amenizarmos a mensagem do pecado contribuiremos para a incompreensão do Evangelho.

Modelo bíblico de contextualização da mensagem

Vejamos o assunto da contextualização a partir da experiência bíblica de Paulo em três momentos específicos. Apesar de Paulo ser o apóstolo para os gentios (Gal. 1:16) ele era um judeu devoto. Desta forma, a partir de seus sermões e ensinamentos podemos garimpar princípios norteadores da contextualização da mensagem.

Observaremos três passagens bíblicas no livro de Atos nas quais Paulo proclama o Evangelho. Primeiramente a um grupo formado puramente por judeus, em outra ocasião a judeus mas com presença gentílica simpatizante do judaísmo e por fim para gentios totalmente dissociados do mundo judaico e de seus valores vetero-testamentários. Ficará evidente, creio, que Paulo jamais compromete a autenticidade da mensagem bíblica, porém a comunica com aplicabilidade cultural de forma que haja boa comunicação utilizando os elementos necessários para tal.

Em Atos 9:19-22 encontramos Paulo em Damasco com os discípulos proclamando Cristo nas sinagogas apresentando-O como “o Filho de Deus” e “confundia os Judeus que moravam em Damasco, demonstrando que Jesus é o Cristo”. Aqui encontramos Paulo logo após ser salvo, expondo nas Escrituras que o Jesus que ele perseguia no passado tão próximo era de fato o Filho de Deus. A expressão grega para “demonstrando” (que Jesus era o Messias prometido), no verso 22, implica em demonstração com evidências objetivas, visíveis, o que nos dá a impressão que Paulo o fazia através do próprio texto sagrado, as Escrituras. Sua forma de pregação seguia a mesma dinâmica que ele viria a usar em todo o seu ministério entre os Judeus: demonstrando a partir da comprovação escriturística que Jesus é o Messias esperado (At 17:1-3). Paulo bem sabia que se alguém desejasse mostrar aos judeus que uma pessoa era o Messias, teria que fazê-lo através das Escrituras. Por isso sua abordagem foi baseada nas Escrituras, centralizada na promessa do Messias e promotora de evidências de que este era Jesus. Paulo aqui falava aos filhos de Israel, que se viam como os filhos da Promessa e, portanto, em toda sua pregação ele utilizava elementos históricos e marcos da relação entre Deus e Seu povo escolhido.

Em Atos 13: 14-16, encontramos Paulo “atravessando de Perge para a Antioquia da Pisidia, indo num sábado à sinagoga”. Logo depois ele, erguendo a mão, passou a lhes proclamar a Cristo. Neste texto o grupo, culturalmente definido, é o mesmo de antes: judeus. Havia porém a presença gentílica de

simpatizantes da fé judaica. Paulo inicia com um dos principais fatos da história judaica, o Êxodo. Ele então os relembra da história de Israel até Davi quando então, intencionalmente, lhes introduz a promessa do Messias (At 13:23) e a liga a Jesus. Interessante como Paulo neste caso prega a Cristo a partir do “Deus de Israel”, e se fundamenta no Antigo Testamento para lhes apresentar o Messias por saber que os gentios ali presentes não apenas conheciam o Antigo Testamento mas também procuravam segui-lo. Porém sua pregação tem também forte teor moral e escatológico, que a distingue da primeira em Atos 9, apenas para aos judeus, demonstrando sua sensibilidade para um auditório misto, mesmo que prioritariamente judeu e judaizante. No verso 39, Paulo utiliza um texto de inclusão (todo aquele), que se contrapõe ao discurso mais exclusivo que seguia com os judeus, dizendo que todo aquele que cresse seria salvo. Certamente os gentios judaizantes, fora da história biológica de Israel, se viam aí incluídos: um Messias judeu para judeus e gentios.

Na terceira passagem, em Atos 17: 16-31, Paulo proclama a Cristo para gentios que nenhum conhecimento tinham das Escrituras. Paulo está em Atenas, o centro filosófico do mundo da época, e é conduzido até o areópago pelos epicureus e estoicos. Neste momento Paulo se encontrava em um cenário totalmente paganizado sem pressupostos judaizantes. O sermão de Paulo desta vez não se iniciou nas Escrituras vetero-testamentárias ou mesmo na promessa do Messias. Paulo lhes pregou Deus, a partir das evidências da criação e do deus desconhecido, “pois este que adorais sem conhecer é precisamente aquele que eu vos anuncio” (At 17: 23). Passa então a apresentar-lhes os atributos de Deus que “fez o mundo.... sendo Ele Senhor do céu e da terra” (v. 24), “de um só fez toda a raça humana” (v. 26), “não está longe de cada um de nós” (v.27), “notifica aos homens que todos em toda parte se arrependam” (v.30), “por meio de um varão... ressuscitando-o dentre os mortos” (v.31). Note que no verso 24, Paulo utiliza Theos para se referir ao “Deus que fez o mundo”, sendo o mesmo termo utilizado (Theos) para mencionar o deus desconhecido. Ele utiliza da idéia existente de deus para apresentar revelacionalmente o Deus da Palavra, criador de todas as coisas. O fim da mensagem é o mesmo: Jesus que morreu e ressuscitou.

Notem que aos judeus Paulo lhes fala sobre “o Deus da promessa”, Aquele que lhes trouxe do Egito pois estes conheciam o Deus da Escritura e se viam como os filhos da promessa. Eles entendiam que Deus se revelou a seus pais, que interagiu com seu povo ao longo da história, que lhes deixou as Escrituras.

Ao segundo grupo Paulo lhes fala sobre o Deus das promessas e da história de Israel mas, como havia entre eles gentios, lhes fala também do Messias que há de vir para a salvação de todo aquele que crê. Percebemos aqui neste texto que Paulo apresenta-lhes o Evangelho com fortes evidências

escriurísticas, para os judeus, além de um forte apelo moral e escatológico, para os gentios judaizantes.

Ao terceiro grupo, puramente gentílico, o Messias que há de vir não lhes transmitia nenhuma mensagem aplicável à sua história pois era visto tão somente como o Messias Judeu. Eles não tinham as Escrituras que O revelavam nem as promessas e alianças. Eles não se enxergavam como filhos da promessa e não se identificavam com Abrão e Moisés. Porém eles se viam como os filhos da Criação. Possuíam tremenda atração pelas obras criadas e fascinação pela figura do Criador. Eram caçadores de respostas, estudiosos da religiosidade, qualquer religiosidade. Portanto, Paulo lhes pregou o Deus da criação, aquele que era antes de qualquer outro, que detém o poder de fazer surgir, e mantém a humanidade e o cosmos. Ele lhes fala demoradamente sobre os atributos deste Deus que é único, soberano, próximo e perdoador. Finalmente lhes fala de Jesus como o centro do plano salvífico de Deus, apresentando-O como o Messias para toda a humanidade.

Algumas conclusões a partir do modelo Paulino de exposição do Evangelho, em relação à contextualização da mensagem.

1. A mensagem, em um processo de comunicação contextual, jamais deve ser diluída em seu conteúdo. A fidelidade às Escrituras deve ser nossa prioridade à semelhança de Paulo que falou da ressurreição de Cristo no areópago, mesmo sabendo que seria um tema controverso para a crença filosófica presente.
2. O público alvo, seus pressupostos culturais, língua e entendimento sobre Deus são fatores relevantes para a apresentação do Evangelho. Paulo não pregou a Cristo da mesma forma aos três grupos. Sua sensibilidade ao ouvinte conduziu sua abordagem.
3. O uso de simbologias culturais explicatórias das verdades bíblicas podem ser utilizadas desde que apresentem claramente a relevância do Evangelho. Paulo fez isso utilizando o “deus desconhecido” partindo de um elemento sócio-cultural para expor, com clareza, a verdade do Evangelho. Em outros momentos ele o fez a partir da criação, do contraste entre Deus e os deuses adorados e do próprio sentimento humano de desencontro com a vida e perdição.
4. O Evangelho deve ser explicado a partir de si mesmo e não da cultura. O conteúdo do Evangelho não é negociável. Quando Paulo fala aos judeus sobre o Messias e lhes apresenta Jesus, ele estava ali em uma linha “segura” de comunicação. Porém, seu desejo por criar uma atmosfera propícia para a comunicação não fez com que minimizasse as verdades mais confrontadoras, que o levariam a ser expulso, ignorado e questionado.

5. O alvo final da apresentação da mensagem é levar o homem ao conhecimento de Cristo e não simplesmente comunicar. A comunicação de Paulo pavimentava o auditório para a apresentação da verdade, tanto para os filhos da promessa quanto para os filhos da criação.

6. A contextualização da mensagem, lingüística e culturalmente, é um instrumento para uma boa comunicação, que transmita o Evangelho de forma clara e compreensível, e Paulo a utilizava abundantemente ao falar distintamente a judeus e gentios, escravos e livres, senhores e servos. Também Jesus, ao propor transformar pescadores em pescadores de homens, ao utilizar em seus sermões a candeia que ilumina, a semente lançada em diferentes solos, o joio e o trigo no mesmo campo, a dracma que se perdeu, as redes abarrotadas de peixes, fez isso para que o essencial da Palavra chegue de maneira inteligível para a pessoa, sociedade e cultura que o ouve.

7. O resultado esperado da apresentação contextualizada do Evangelho é o arrependimento dos pecados e sincera conversão. Qualquer apresentação do Evangelho que leve o homem a sentir-se confortável em seu estado de pecado é certamente inconclusiva e parcial. Paulo deixa isto bem claro quando lhes expõe um Evangelho libertador e transformador.

Crítérios bíblicos para a contextualização

Tippett enfatiza que quando um povo passa a ver Jesus como Senhor pessoal, e não um Cristo estrangeiro, quando eles agem de acordo com valores cristãos aplicados à própria cultura vivendo um Evangelho que faz sentido à sua cosmovisão, quando eles adoram ao Senhor de acordo com critérios que eles entendem, então teremos ali uma igreja entre eles.

Apesar de o Evangelho ser supra cultural e a-temporal, para todos os povos em todos os tempos, cada cultura, por si, possui uma fórmula própria de elaboração de perguntas a serem respondidas pela Palavra. A sensualidade é condenada pela Bíblia, mas cada povo desenvolve uma compreensão cultural distinta do que é ou não sensual. A contextualização da mensagem, portanto, é um processo necessário para que a mesma seja transmitida com fidelidade.

Podemos exemplificar pensando na figura de um homem ocidental urbano com pneumonia. No ocidente tal enfermidade é tratada de acordo com o conhecimento acumulado sobre a enfermidade e a história prescrita de cura. A pergunta que surge, portanto, é apenas como tratá-la. No contexto africano, a principal pergunta a ser debatida não é como mas sim por quê. A causa da enfermidade é a questão mais relevante e nenhuma ação será tomada até que haja uma iniciativa na direção de se produzir esta resposta. Trata-se

uma mesma enfermidade objetiva, gerada pelos mesmos mecanismos biológicos, mas com abordagens culturais distintas. A compreensão das perguntas que inquietam os corações é fundamental para a proclamação do Evangelho de forma decodificada e transformadora. Se fecharmos os olhos para a necessidade da contextualização iremos comprometer o conteúdo do Evangelho na transmissão do mesmo. Possivelmente passaremos adiante apenas sinais sem significados que produzirão valores sincréticos e não bíblicos.

Devemos, porém, perceber que a contextualização não possui valor em si mesma. Seu valor é proporcional ao conteúdo a ser contextualizado. Nielsen afirma que a Ubanda no Brasil é a forma mais perfeita de contextualização de valores religiosos. Trazida pelos escravos moldou-se ao Catolicismo europeu, forneceu uma mensagem pessoal e informal, gerou células que ganham vida de forma independente e cria cenários atrativos para novos adeptos. Portanto a pergunta não é apenas “como contextualizar” mas especialmente “o que contextualizar”.

Na tentativa de avaliar a compreensão (e transformação) do Evangelho em um contexto transcultural, ou mesmo culturalmente distinto, proponho três principais questões que deveríamos tentar responder perante um cenário onde a mensagem bíblica já foi pregada:

1. Eles percebem o Evangelho como sendo uma mensagem relevante em seu próprio universo?
2. Eles entendem os princípios cristãos em relação à cosmovisão local ?
3. Eles aplicam os valores do Evangelho como respostas para os seus conflitos diários de vida?

Contextualizar o Evangelho é traduzi-lo de tal forma que o senhorio de Cristo não será apenas um princípio abstrato ou mera doutrina importada, mas será um fator determinante de vida em toda sua dimensão e critério básico em relação aos valores culturais que formam a substância com a qual experimentamos o existir humano.

Para que isto aconteça é necessário observar alguns critérios para a comunicação do Evangelho:

1. Toda comunicação do Evangelho deve ser baseada nos princípios bíblicos não sendo negociada pelos pressupostos culturais das culturas doadoras e receptoras do mesmo. Entendo que a Palavra de Deus é tanto transculturalmente aplicável quanto supraculturalmente evidente. É portanto suficiente para todo homem, seja o urbano ou o tribal, o passado ou o presente, o acadêmico ou o leigo.
2. A comunicação do Evangelho deve ser uma atividade realizada a partir da observação e avaliação da exposição da mensagem que está sendo comunicada. O objetivo desta constante vigilância é propor um

Evangelho que possa ser traduzido culturalmente fazendo sentido também para a rotina da vida daquele que o ouve. É necessário fazer o povo perceber que Deus fala a sua língua, em sua cultura, em sua casa, no dia-a-dia.

3. A rejeição do Evangelho não deve ser vista, em si, como equivalente à má contextualização. O confronto da Palavra com a cultura ocorrerá, assim como a rejeição da mensagem bíblica.

4. Ao elaborarmos a abordagem na apresentação do Evangelho deve-se partir da Bíblia para a cultura e não o contrário.

Não interessa o que mais um missionário faça, ele precisa proclamar o Evangelho. Trabalho social, ministério holístico e compreensão cultural jamais irão substituir a clara comunicação do Evangelho ou nem justificar a presença da Igreja. O conteúdo do Evangelho exposto em todo e qualquer ministério de plantio de igrejas deve incluir a) Deus como Ser Criador e Soberano (Ef. 1:3-6); b) O pecado como fonte de separação entre o homem e Deus (Ef. 2:5); c) Jesus, Sua cruz e ressurreição como o plano histórico e central de Deus para redenção do homem (Hb. 1:1-4); d) O Espírito Santo como o cumprimento da Promessa e encarregado de conduzir a Igreja até o dia final.

Concluo com rápidas palavras. Precisamos conciliar a sensibilidade e interesse cultural com uma teologia bíblica que fundamente o ministério. Se uma sugestão pudesse ser dada seria esta: reavaliarmos nossa atividade missionária e eclesial à luz daquilo que é teologicamente fundamentado e não apenas praticamente frutífero, seja do ponto de vista da comunicação da mensagem ou da formação da igreja.

Colhemos hoje frutos amargos do nominalismo cristão e do sincretismo religioso que germinaram a partir de um enfraquecimento da centralidade da Palavra durante o trabalho de comunicação do Evangelho. As justificativas históricas para tal quase sempre orbitaram entre dois pontos: a ênfase na justiça social e a procura por uma comunicação culturalmente mais sensível. Porém se cremos que Deus é o Criador e Senhor da história, dos povos, das línguas e culturas, precisamos crer que Sua Palavra não é apenas verdadeira mas também fomentadora de justiça (libertando os fracos e oprimidos) e também comunicável ao coração de todo homem, e destinada a todo homem.

Paralelamente também colhemos frutos amargos pela ausência de compreensão cultural na apresentação de Cristo. Dois destes frutos são o nominalismo cristão e sincretismo religioso. Olhando as frentes missionárias despreocupadas com a contextualização encontraremos, abundantemente, templos de cimento para culturas de barro, pianos de calda para povos dos tambores, terno e gravata para os de túnica e turbante, sermões lineares para pensamentos cíclicos, sapatos engraxados para pés descalços. Tão ocupados

em exportar nossa cultura nos esquecemos de apresentá-lhes Jesus, Deus encarnado, totalmente contextualizado, luz do mundo.

Trabalhos citados

Bosch, David J. 1983. The structure of mission: An exposition of Matthew 28:1-20. In Exploring church growth, ed. Wilbert R. Shenk, 218-248. Grand Rapids, MI: Eerdmans.

-----, 1991. Transforming mission: Paradigm shifts in theology of mission. Maryknoll, New York: Orbis.

Hesselgrave, David. 1980. Planting churches cross-culturally: A guide to home and foreign missions. Grand Rapids, MI: Eerdmans.

Hibbert, Richard. 2005. Paper: A survey and evaluation of contemporary evangelical theological perspectives on church planting.

Hiebert, Paul G. and Hiebert Meneses, Eloise. International Ministry: Planting Churches in Band, Tribal, Peasant, and Urban Societies. Grand Rapids, MI: Baker Book House 1996.

McGavran, Donald. "Reaching People Through New Congregations," Church Growth Strategies That Work. by Donald McGavran and George F. Hunter, III. Nashville, TN: Abingdon Press, 1980.

Nicholls, Bruce J. Contextualização: Uma Teologia do Evangelho e Cultura. Trad.: Gordon Chown. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1983.

O Evangelho e a Cultura. Série Lausanne, No. 3. 2a. Ed. Belo Horizonte: ABU Editora e Visão Mundial, 1985.

Reifler, Hans Ulrich. Antropologia Missionária para o século XXI. Londrina. Editora Descoberta, 2003.

Stott, John. "The Living God is a Missionary God," in Perspectives on the World Christian Movement, Ed. Ralph Winter and Steven Hawthorne, Pasadena: William Carey Library, 1981

Tippett, Alan. 1987. Introduction to missology. Pasadena, CA: William Carey Library.

Van Engen, Charles. 1999. Footprints of God: A Narrative Theology of Mission. Monrovia, CA

Verkuyl, J. 1978. Contemporary missiology: An introduction, trans. Dale Cooper. Grand Rapids, MI: Eerdmans.

Vicedom, George F. 1965. The Mission of God. Trans. Gilbert A. Thiele and Dennie Hilgrendorf. St. Louis: Concordia.

Wilbur, Odonovan Jr. O Cristianismo bíblico da perspectiva africana. São Paulo: Editora Vida Nova.

Wright, Robin (Org.). Transformando os Deuses – Os múltiplos sentidos da conversão entre os povos indígenas no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

Woodford, Brian. 1997. One church, many churches: A five-model approach to church planting and evaluation

[1] “kerychtesetai”: e será proclamado de forma inteligível

[ii] “martyria” (testemunho) indica uma ação informal de vida enquanto “kerygma”(proclamação) pressupõe uma pregação mais sistemático do Evangelho.

Fonte: <http://www.ronaldo.lidorio.com.br/>